

Intervenção do Director do ISPA: Professor Doutor Frederico Pereira

Sr. Presidente da Cooperativa ISPA-CRL;
Sr. Presidente do Conselho Científico;
Sr. Presidente do Conselho Pedagógico;
Sr. Professor Joaquim Laginha;
Sr. Representante da AEISPA;
Sra. Representante da ADISPA;
Caros Colegas;
Srs. Funcionários;
Caros Estudantes:

Comemorar 25 anos de existência é sobretudo, em meu entender, construir um momento de coesão que se espera continue no tempo. Coesão institucional, coesão de grupos e coesão de pessoas — em redor de um Projecto, e à volta do passado.

Nesta Instituição, o único projecto aceitável é de natureza *científica, pedagógica, pedagógica e social*.

Importante passos foram dados, nestes últimos anos, nessa direcção; esses passos, por vezes demasiado despercebidos, abriram um caminho que agora começa a dar os seus frutos visíveis.

A realização de dezenas de acções de formação, a persistência na formação de post-graduações às vezes frustrantes, o planeamento regular de colóquios e seminários

e a articulação cada vez mais estreita com a comunidade científica portuguesa e internacional — são desses passos sinais manifestos.

A própria existência desta sucessão de colóquios que amanhã se inicia marca a vontade de continuar o caminho aberto e de o aprofundar.

No plano social, o desejo de prosseguir e alargar a ligação com a comunidade que até agora operou em redor do «Projecto Alma», manter-se-á, assinalando-se assim a ideia programática de ligar instituição de formação e meio social envolvente.

Estes objectivos realizar-se-ão também se existir coesão à volta do *passado*, forma por excelência de garantir a *identidade institucional* que é a espinha dorsal dos grupos e organizações.

Esta identidade constrói-se em múltiplas dimensões, decerto, que aqui seria impossível destacar. Mas há uma que merece especial relevo: *a do pioneirismo e da capacidade de inovação e de adaptação*.

De facto, em quase tudo o que fez, foi o ISPA pioneiro e inovador.

Foi inovador ao fundar-se, há 25 anos. Não percebiam as organizações estatais de

então a importância da formação psicológica na área da educação; perceberam-no as congregações que estão na origem do ISPA.

Entendiam as organizações estatais de então que bastava uma psicologia que mais do filosófica era simplesmente semestral; não foi essa a opinião daqueles que acharam necessário criar um espaço autónomo de formação psicopedagógica.

Mas não entenderam os fundadores apenas isto. Dois anos após a criação do Instituto perceberam que a *apetência social para a formação em psicologia era mais vasta* do que inicialmente tinham pensado, e abriram o instituto àqueles que viriam a ser verdadeiramente *os primeiros psicólogos portugueses*. De certo modo, também nesta sensibilidade às solicitações do tecido social foi o ISPA inovador.

Depois, bastante mais tarde, acompanhou o ISPA a inovação que consistiu em ensaiar, com uma rapidez porventura excessiva, diversos «curricula» que se viriam a estabilizar numa filosofia e num percurso de formação que ainda é o actual.

Foi de facto a experiência e a discussão que permitiu chegar ao actual «currículum» e não a partilha em secções ou feudos como tantas vezes acontece.

A *época de auto-gestão*, com as componentes porventura negativas embora próprias do momento histórico, foi *uma época extremamente rica* que a memória institucional não devia esquecer e muito menos desprezar.

Época que enfrentou a compressão de grandes dificuldades e desafios. Aos problemas das instalações, da gestão administrativa, do perfil jurídico, da carência de docentes e do reconhecimento do diploma, acrescentavam-se uma imagem de incapacidade, uma agressividade autofágica e o espectro do encerramento.

Sem apoios de qualquer espécie, esta instituição revelou uma extraordinária força de sobrevivência e um assinalável engenho adaptativo. Para isso teve de enfrentar a ironia e por vezes o humor descabido de quem nela via um inimigo — e recordo-me por exemplo de uma referência na comunicação social ao nosso curso como «a modos que equivalente ao bacharelato».

Mas o ISPA combateu essas atitudes e pressões no terreno eticamente mais saudável — o de formação e da qualidade científica. E em vez de morrer, cresceu, desenvolveu-se e estabilizou-se.

Foram resolvidos todos os problemas herdados da época de auto-gestão, e hoje estamos a resolver com as possibilidades que temos o problema da equivalência de grau académico dos antigos diplomados — em alguns casos com alguma incompreensão.

Capacidade inovadora revelou ainda o ISPA ao organizar a primeira pós-graduação em Psicologia, com um nível de mestrado, em colaboração com uma universidade inglesa. Pós-graduação de que não se pode pôr em causa a relevância científica, assistindo-se no entanto, a uma espécie de guerrilha ao nível do carimbo e assinatura reconhecida. Mas supomos que também neste caso os problemas acabarão por se resolver.

Encontramos também espírito inovador na elaboração da revista *Análise Psicológica*, cuja equipa fundadora aproveitamos para homenagear.

Há 10 anos que existe *Análise Psicológica*, e nos seus números publicou diversos trabalhos de grande qualidade, alguns dos quais apareceram depois em revistas estrangeiras mais especializadas. Recordo-me a este respeito do espanto de um colega nosso que veio a encontrar um artigo publicado na nossa revista, alguns anos mais tarde introduzido numa colectânea de «readings» de indiscutível peso no «corpus» das publicações científicas internacionais...

É necessário também referir — e referir insistentemente — que o ISPA é a única instituição nacional nas áreas que nos ocupam a publicar uma *revista internacional*, cuja gestão científica está a cargo de cerca de 40 universitários europeus de grande peso na comunidade científica.

Esta experiência é valiosa e está em vias de alargamento, sendo publicados muito brevemente os trabalhos do *Congresso de Poitiers*.

Evidentemente, o facto de se eleger o ISPA para estas actividades traduz um reconhecimento por parte da comunidade científica de que vale a pena relacionar-se connosco — e não, como por vezes disparatadamente se diz, um gosto pelo Sol e pelo Abril em Portugal!...

Quero agora acrescentar que também no plano de gestão foi o ISPA original.

Original em primeiro lugar porque não faliu... Original porque ao longo do tempo tem vindo a preparar o caminho que agora se inicia: a construção de um *corpo docente próprio e a aplicação integral da carreira docente universitária*, tanto no plano das categorias de enquadramento da função docente, como no plano dos regimes contractuais. E talvez não seja inútil referir que temos hoje 3 professores catedráticos, um professor associado, 8 professores auxiliares, diversos professores auxiliares convidados e um número suficiente de assistentes e assistentes estagiários. Que mais dois professores auxiliares enriquecerão o corpo docente do ISPA no actual ano lectivo, e que um número substancial de docentes se encontra na posição entre nós equivalente ao regime de tempo integral e de dedicação exclusiva das Universidades de Estado.

A aplicação da carreira docente universitária, para a qual há vários anos vinhamos caminhando *coroa um processo de reconversão* que faz desta instituição de pleno direito, *uma instituição universitária*.

E este é um dos pontos do encontro entre o Passado e o Futuro, já que para ele convergem grandes esforços anteriores e nele se desenha o embrião de uma alteração profunda no comportamento pedagógico e administrativo e na mudança de relacionamento entre a instituição e os membros que a integram.

É evidente que isto representa um enorme desafio, já que estão em jogo mudanças de atitude, cuja gestão nem sempre é fácil, e encargos financeiros consideráveis. Deve dizer-se que entramos numa face de equilíbrio financeiro estrito, não sendo por isso permissíveis erros administrativo excessivamente grandes.

Assumirão os órgãos administrativos as suas responsabilidades, mas deve sublinhar-se que serão responsabilidades partilhadas, já que toda a instituição está em jogo. Por isso mesmo *não poderemos tolerar comportamentos mesmo que pontuais que possam pôr em causa, ainda que indirectamente, a estabilidade e o desenvolvimento institucional*.

Mas acreditamos que, com a compreensão de todos, o ISPA dará mais uma vez resposta positiva aos desafios que se adivinham.

Se o fizer — e, repito, sabemos que o fará — contribuirá o ISPA para *estabelecer uma diferenciação na imagem pública do Ensino Superior Particular e Corporativo*, e para fortalecer esta componente, hoje essencial do Sistema Educativo.

Esperamos de facto criar mais condições para que as vozes simplistas — e por vezes demagógicas, que hoje se erguem contra o Ensino Superior Particular e Cooperativo, se vejam obrigadas a introduzir nos seus ditos a «nuance», não continuando a fazer o que por agora fazem: tomar sistematicamente a parte pelo todo.

Essa operação é irracional e injusta, já que *nem o conjunto das instituições privadas e Cooperativas de Ensino Superior, nem o*

conjunto das instituições públicas de Ensino Superior deve em momento nenhum ser confundido com aqueles dos seus segmentos que funcionam pior.

Mas decerto que a racionalidade acrescentada na Gestão do Ensino Superior impossibilitará cada vez mais que interesses corporativos ou ambições mais mesquinhas se possam sobrepôr ao interesse e aos direitos mais gerais.

A nossa vontade de colaboração é grande, e por várias vezes o demonstrámos. Devem no entanto ser-nos dadas condições equiparadas às de outras instituições, e nomeadamente a possibilidade de gerir Mestrados e Doutoramentos. Se todos nós, docentes, estudantes e funcionários, respondermos adequadamente à aposta que a instituição faz em nós, é de supôr que, a prazo, se encontrarão para isso as soluções legais e os pré-requisitos organizacionais necessários.

A estes grandes desafios acrescentam-se outros que já não é permitido ignorar.

Em primeiro lugar, contribuir para *mudar, no tecido social, a representação do psicólogo e as expectativas face à sua actividade.*

Participou o ISPA, de maneira decisiva, numa modificação dessa representação que vem operando no campo da Educação. *Há condições actualmente para o mesmo acontecer no campo da Clínica e no campo do Trabalho e das Organizações.*

Mas para isso é necessário *impulsionar a investigação* em todas as áreas e certamente que serão explorados todos os meios para melhorar as condições para essa actividade essencial, que é condição sine qua non para o desenvolvimento do Ensino Superior.

A primeira fase dessa dinamização terá de ser o *enquadramento da investigação científica nesta Escola*, e a definição de áreas prioritárias, sem excluir evidentemente outras, mais fundamentalistas ou complementares. É fundamental terminar com auto-gestão individual nesta matéria. A Escola apoiará a investigação científica e tem o direito e o dever de exigir *ver* os seus frutos — primeiro sob forma de publicações, depois sob forma de apropriação tão colectiva quanto possível dos conhecimentos construídos.

Para isso é necessário *descompartimentalizar, e terminar com a falta de diálogo que ainda se verifica entre as 3 secções ou departamentos.* Não há muitos problemas de Psicologia Social que não se cruzem de uma forma ou doutra com problemas educativos; não há problemas educativos que não possam ter uma dimensão clínica ou social, e não há muitos problemas clínicos que não tenham uma componente social ou educacional.

Por isto, a curto prazo, a *descompartimentalização e o enquadramento* são indispensáveis.

E logo que uma e outro se materializem, descobrir-se-à — ou redescobrir-se-à — a evidência de que a Psicologia, hoje, não é uma Teoria da Contemplação, mesmo que rigorosa, mas uma *Teoria de Mudança, de Acção e do Desenvolvimento, de indivíduos, grupos, organizações e comunidades.*

E se isto se descobrir ou redescobrir mais uma vez seremos inovadores, continuando assim, noutra terreno, a tradição que ao longo de 25 anos se construiu.